Explorador e espião

Rua Pêro da Covilhã em Nevogilde

Estátua do explorador na sua terra natal

Pêro da Covilhã foi um importante navegador português. Nascido na Covilhã, entre 1450 e 1455, terá morrido na Etiópia por volta de 1530. Serviu o Rei D. Afonso V e, posteriormente, o seu filho D. João II, o Príncipe Perfeito. Foi ao serviço deste monarca que o seu nome se notabilizou, quer na exploração, quer na «espionagem».

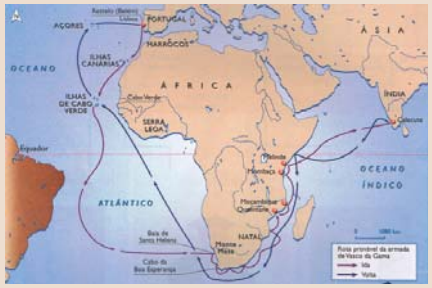
Texto: Marta Almeida Carvalho

O navegador português Pêro da Covilhã, cujo nome está gravado nas ruas de Nevogilde, foi um símbolo e expoente da aventura que representou a expansão quinhentista. João Pêro (da Covilhã por ser oriundo daquele burgo) terá partido muito jovem para Castela, onde em 1468 estava ao serviço do Duque de Medina como moço de esporas. Pensa-se que foi em Sevilha que aprendeu a língua árabe. Sete anos mais tarde (1475) foi cedido como escudeiro, servindo de armas e cavalo, ao rei D. Afonso V de Portugal e admitido na casa real portuguesa. Foi nesta qualidade que participou na batalha de Toro, auxiliando as aspirações do rei português ao trono de Castela. Em 1481, passou a servir D. João II, filho de Afonso V, como escudeiro da guarda real. O monarca utilizou a sua aptidão com as armas e a

fluência em castelhano, para o tornar num seu espião em Castela e embaixador em Marrocos. O rei acreditava na existência de uma passagem que permitiria a ligação entre o Atlântico e Índico. O objectivo era o de que as naus portuguesas pudessem chegar à Índia e aos grandes centros abastecedores de especiarias. Para concretizar essa determinação, D. João II enviou, em 1487, Bartolomeu Dias para atingir essa passagem, pela costa ocidental de África e, simultaneamente, incumbiu Pêro da Covilhã, juntamente com Afonso de Paiva, de recolher informações sobre a costa oriental africana, o reino do lendário Preste João e a Índia. A sua tarefa era a de averiguar sobre a existência dessa passagem, reconhecer as margens do Índico, identificar as principais zonas e centros produtores de especiarias (pimenta, cravo e canela) e as principais redes comerciais do Oriente. O "espião" deveria ainda entrar em contacto com o Preste João, lendário monarca da cristandade oriental. Assim, Pêro da Covilhã partiu em 1487 para Valência e Barcelona, de onde navegou para Nápoles, ilha de Rodes, Alexandria e Cairo. Disfarçado, integrou uma caravana muçulmana que se destinava à Arábia – falava a língua árabe na perfeição – e viajou para o Mar Vermelho. Chegou, então, à costa ocidental da Índia - Calecute e Goa - e ao Golfo Pérsico. Terá sido o primeiro explorador a chegar às costas de Moçambique.

Informações decisivas

Regressou ao Cairo em 1491, onde encontrou novos emissários de D. João II a quem transmitiu os dados recolhidos e informou que os navios portugueses que entravam no Atlântico sul poderiam dirigir-se ao Índico, atingir a ilha de Madagáscar e daí passar às importantes cidades indianas de especiarias. Depois de cumprida a tarefa, Pêro da Covilhã seguiu para Ormuz, visitou Jeddah e as cidades santas do Islão, Meca e Medina. Daí, prosseguiu para o Monte Sinai e, posteriormente foi ao encontro do Preste João, na Etiópia. Rapidamente se apercebeu que o lendário e poderoso reino do Preste João se tratava apenas de um pobre povo que tentava evitar ser esmagado pelos vizinhos muçulmanos. Foi nomeado conselheiro do reino pelos soberanos descendentes de Preste João que nunca o deixaram regressar a Portugal. Doaram-lhe terras com muitos escravos e vassalos e Pêro da Covilhã acabou por ficar, vivendo na abundância e casando com uma nativa com quem teve uma vasta descendência. Nunca mais viu a mulher Catarina, que deixou em Portugal, nem conheceu o filho Afonso. As informações que enviou para Portugal foram determinantes para a viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama. Camões faz referência a Pêro da Covilhã nos Lusíadas. Há quem considere as suas viagens como um dos principais factores do sucesso do reinado de D. João II. ■



A descoberta do caminho marítimo para a Índia terá sido impulsionado pelas informações de Pêro da Covilhã

"Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia
Vendo vários costumes, vária manhas
Que cada região produz e cria,
Mas de vias tão ásperas, tamanhas
Tornar-se facilmente não podia,
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada Pátria não tornaram."

Luís de Camões in Os Lusíadas (Canto IV)